Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

EXPERIÊNCIA DA MATERNIDADE: UMA EQUAÇÃO

THE EXPERIENCE OF MATERNITY: AN EQUATION

Victoria da Rosa Costa
Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Pelotas, Brasil.
E-mail: victoriarcosta@gmail.com

Maria Clara Soares Salengue
Doutora em Educação, Universidade Católica de Pelotas, Brasil.
E-mail: mariaclara.salengue@gmail.com

Myriam Siqueira da Cunha
Doutorado em Engenharia da Produção, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Brasil.
E-mail: mscpel@gmail.com

Márcia Giusti Miller
Mestre em Educação, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense, Brasil.
E-mail: marciagiustimiller@gmail.com

Recebido: 01/03/2025 – Aceito: 30/03/2025

Resumo

A maternidade foi, por séculos, vista como um papel inerente à identidade feminina, por ser a função principal da mulher. O feminino alcançou mais espaços, assumiu mais papeis e a maternidade tornou-se uma escolha. As transformações acerca da feminilidade, do espaço da mulher na esfera pública e a pluralidade de femininos transformaram a maneira como a maternidade é vivenciada. Assim, o objetivo do presente estudo foi compreender a experiência de viver a maternidade pela primeira vez e os significados a ela atribuídos. Optou-se pela pesquisa fenomenológica hermenêutica de abordagem qualitativa. A coleta de dados foi feita por Entrevista em Profundidade, que possibilitou estabelecer conexões cognitivas e emocionais sobre a experiência vivida e os significados atribuídos, produzindo novas compreensões sobre o fenômeno

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

vivenciado. A participante do estudo foi uma mulher que viveu a maternidade pela primeira vez. A análise e a interpretação de dados ocorreram a partir da redução do volume de informações e a construção de uma estrutura para alcançar a essência das experiências vividas e revelar o significado central do fenômeno. Nesse processo, emergiram três unidades de significado: “Mulher subtraída”, “Mulher mais um” e “Maternidade em Potência”, que são estrutura do tema fenomenológico: “Uma equação”.
Palavras-chave: Maternidade; Mulher; Fenomenologia Hermenêutica; Psicologia.

Abstract

Maternity has, for centuries been seen an inherent role in female identity, as it was the main function of women. The female has reached more spaces, assumed more roles and maternity has become a choice. The changes about femininity, the space of women in the public sphere and the plurality of women have transformed the way maternity is experienced. The objective of this study is to understand the experience of maternity for the first time and the meanings attributed to it. Hermeneutic phenomenological research with a qualitative approach was chosen. Data collection was carried out by In-Depth Interview, making it possible to establish cognitive and emotional connections about the lived experience and the meaning attributed, producing new understandings about the experienced phenomenon. The study participant was a woman, who lives maternity for the first time. The analysis and interpretation of data occurred from the reduction of the volume of information and the construction od a structure to achieve the essence of the lived experiences and reveal the central meaning of the phenomenon. In this process three units of meaning emerged: “Woman subtracted”, “Woman plus one” and “Exponential Maternity”, which are the structure of the phenomenological theme: “An Equation”.
Keywords: Maternity; Woman; Hermeneutic Phenomenology; Psychology.

INTRODUÇÃO

A maternidade é vivenciada diariamente por milhões de mulheres no Brasil. Com isso, é possível entender a multiplicidade que cabe nessa experiência, considerando as mudanças no papel da mulher na sociedade e no contexto em que ela está inserida. Assim, os avanços ao longo da história foram construindo diversas facetas da feminilidade e uma pluralidade maior para as mulheres que optam por serem mães. Nesse sentido, não há apenas um modelo a seguir, nem como mulheres, nem como mães.

O presente estudo partiu do pressuposto de que a maternidade é vista de diferentes formas, conforme o contexto de tempo e de espaço em que está inserida. Os sentidos atribuídos a essa experiência passam por transformações na história e nos diferentes espaços, sendo necessário conhecer a pluralidade de significados que há no desempenho desse papel. É necessário entender quais são os diferentes modelos que as mulheres vivenciam em relação à maternidade e a forma como interpretam essa experiência.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

FEMINILIDADE E MATERNIDADE

A forma de encarar e idealizar a maternidade e o feminino é reproduzida conforme a cultura. Nos últimos anos, as mulheres têm demonstrado um cuidado maior ao decidirem os caminhos que trilharão, até mesmo por terem mais opções e liberdade de escolha. Existe a possibilidade de questionamento sobre o próprio desejo e até mesmo a renúncia à maternidade.

A partir do final do século XIX e início do século XX, as mulheres passam a se identificar e sentirem-se representadas pelas personagens retratadas nas páginas dos livros. As mulheres, ao retratarem as angústias da vida doméstica, as aventuras ao viverem romances adúlteros e a reação ao sentimento de falta de propósito impressas nas páginas, despertavam fagulhas no sexo feminino. A literatura trouxe, assim, à superfície, conflitos internos que as mulheres da época eram incapazes de verbalizar. Angústias, que mesmo sentidas, eram difíceis de identificar em si mesmas (KEHL, 2016).

Foram essas mulheres, passivas, destinadas ao casamento e à maternidade, que serviram de base para a ideia de feminilidade desenvolvida por Freud. A mulher freudiana é a mulher que tem como objetivo casar-se, cuidar dos afazeres domésticos e criar os filhos.

Freud parte da premissa de que na origem a pessoa não é macho ou fêmea, há uma bissexualidade, é tanto macho quanto fêmea no início do desenvolvimento psíquico e sexual. Tanto a feminilidade, quanto a masculinidade, desenvolvem-se devido a fatores sociais e biológicos. A masculinidade seria a atividade, posse do falo e o feminino a passividade e a castração.

Freud, em “Três Ensaios para uma Teoria Sexual”, defende que o objeto fálico tem muita relevância às crianças de ambos os sexos. Essa relevância implica que as crianças imaginem que todos possuem ou devem possuir um pênis, que é uma das representações possíveis do falo.

A menina, quando pequena, entende o clitóris como algo similar ao pênis e demonstra agressividade na fase sádico-anal. Com o desenvolvimento, há deslocamento da principal zona erógena do clitóris para a vagina, o que é visto

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

como uma atitude masoquista, uma vez que volta a agressividade para o seu próprio interior (FREUD, 1925). Isso ocorre quando ela entende que o clitóris não se tornará um pênis, não aumentará de tamanho, o que produz rompimento com a figura materna. Há, então, deslocamento do amor para o pai, quem de fato possui o pênis e consequentemente detém a masculinidade. É quando ocorre o Complexo de Édipo e gera uma relação passiva diante do pai, devido a sua própria castração (FREUD, 1933).

Freud defendia que havia três possibilidades para as mulheres, após o acometimento da ferida narcísica causada pela ausência do pênis, são elas: a inibição sexual ou a neurose; o complexo de masculinidade, em que não ocorre a aceitação da ausência da masculinidade e gera dificuldade na mudança do prazer do clitóris para a vagina; e por fim, a feminilidade, que se dá por meio da renúncia à inveja do pênis e ao surgimento do desejo de ter um filho. O que pode ser entendido não como uma renúncia completa à inveja do pênis, mas um adiamento da posse fálica. Nesse mesmo momento, a menina identifica-se com a mãe na feminilidade (KEHL, 2016).

A maternidade é vista como uma compensação à inferioridade sexual. Freud, em “A dissolução do complexo de Édipo”, refere:

> A renúncia ao pênis não é tolerada sem uma tentativa de compensação. A garota passa – ao longo de uma equação simbólica, poderíamos dizer – do pênis ao bebê, seu complexo de Édipo culmina no desejo, longamente mantido, de receber do pai um filho como presente, de lhe gerar um filho. Temos a impressão de que o complexo de édipo vai sendo, aos poucos, abandonado porque tal desejo não se realiza. Os dois desejos, de ter um pênis e um filho, permanecem fortemente investidos no inconsciente e ajudam a preparam o ser feminino para o seu futuro papel sexual (FREUD, 1924, p. 212-213).

O falo, no entanto, é um objeto a ser representado, não necessariamente pelo corpo. Os homens vão muito além do corpo para descobrirem seus prazeres, alcançam a vida pública, disputam posições de poder, o pênis, por si só, não garante a grandiosidade masculina. No entanto, a falta de um pênis, nessa época, significava a submissão feminina.

A ideia é de que a identificação feminina deva ser pautada na ausência, torna o sexo feminino como algo inferior e submisso ao masculino desde o

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

princípio. É a maternidade que dará à mulher uma experiência que os homens jamais terão, obtendo reconhecimento social por meio dos cuidados aos filhos.

Com relação à passividade observada no sexo feminino, ela é, muito provavelmente, algo aprendido culturalmente, considerando que a maternidade era a única opção de destino às mulheres.

> O que está barrado para a mulher freudiana não é outra possibilidade de evolução nos destinos da libido a partir das dificuldades que ela tem que enfrentar no Édipo; o que a cultura ocidental dos séculos XVIII e XIX e do começo do século XX interditou às mulheres foram outras possibilidades identificatórias; a única identificação permitida para a menina, de acordo com os ideais de seu gênero, e que lhe promete alguma perspectiva de gratificação libidinal é a identificação à mãe, não enquanto mulher no sentido amplo (essa mulher ainda não existia), mas apenas na posição materna (KEHL, 2016, p. 176).

Sobre a passividade, Freud destaca a falta de interesse social e a dependência da mulher, sem considerar que esses atributos não eram uma escolha e sim uma imposição. Essa feminilidade, não é inerente à natureza feminina, sendo produzida ao longo do tempo, como refere Kehl (2016, p. 211) “Isso não significa dizer que a metapsicologia freudiana esteja ultrapassada, mas que a teoria psicanalítica deve ser plástica o suficiente para acompanhar e compreender as mudanças sofridas pelos sujeitos à medida que muda a sociedade que vivemos”.

Assim, a psicanálise tem acompanhado as transformações e deslocamentos da humanidade. As mudanças são a constante em uma sociedade viva e, para que haja sentido nas teorias psicanalíticas, é necessário revisá-las.

Com essa compreensão, tem-se como foco as mulheres que optam pela maternidade, indiferentemente de terem optado pela concepção ou não. Existe uma pluralidade no conceito do feminino e da maternidade.

Fala-se mais sobre as questões reais da maternidade, as redes sociais despertaram discussões e reduziram a romantização sobre o ser mãe. Há espaços em que as mulheres podem ver outras mulheres falando sobre as angústias, os desafios e as frustrações que acompanham cada momento dessa experiência, acolhendo aquelas que se sentem culpadas ou “estragadas” por não reagirem da maneira que a sociedade incutiu no nosso inconsciente há séculos.

A não submissão feminina na sociedade atual também é um fator que auxilia nas decisões de papéis a serem assumidos. Ainda há disparidades entre os

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

gêneros, mas as mulheres já conquistaram espaços mais próximos da igualdade. Nas relações conjugais, é mais usual ver a valorização da opinião de ambos os parceiros, o que possibilita que a maternidade e a paternidade sejam combinadas por ambos, incluindo a divisão de tarefas, companheirismo e parceria na criação dos filhos.

> A maioria das ocidentais tem em princípio a possibilidade de escolher entre os interesses de mulher e o desejo de maternidade. Por um lado, elas querem os meios de independência, a possibilidade de se afirmar profissionalmente e uma vida conjugal e social realizadora. Por outro, a experiência da maternidade e todas as alegrias e o amor que uma criança encarna. Em resumo, como dizem as americanas: *To have it all*, ter tudo isso (BADINTER, 2011, p. 157-158).

Para ter tudo, a mulher sofre diversas cobranças e exigências da vida profissional e da maternidade. É preciso, então, que se torne uma negociadora, pois tentar equilibrar os dois papéis é uma atividade exaustiva e que beira a utopia. São duas identidades completamente diferentes e que precisam coexistir, então, a todo momento, a mulher sente que está penando em algum âmbito, senão em todos ao mesmo tempo.

A identidade feminina engloba muitas obrigações e renúncias, que parece não ter acompanhado todas as mudanças sociais. Essa identidade precisa ser atualizada. A mulher tem a constante sensação de que está falhando no que os outros, e até ela mesma, esperam. Para os homens, não se vê o mesmo discurso, muitas vezes vemos o sexo masculino fazendo o mínimo e sendo ovacionado. Isso é uma evidência de como o conceito de feminilidade e maternidade estão distorcidos. Isso gera adoecimento e culpa nas mulheres. Gera dúvidas em qual caminho seguir, quais papéis assumir, por medo de falhar e não conseguir alcançar as expectativas impostas pela sociedade (BADINTER, 2011).

A maneira que a sociedade constrói o feminino e, mais especificamente, a experiência da maternidade, precisa ser também revisitada. Há muitas possibilidades para as mulheres e para a maternidade pois, o gênero feminino é plural. Nesse contexto, o objetivo deste estudo foi compreender a experiência de viver a maternidade pela primeira vez e os significados a ela atribuídos.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

A opção metodológica feita neste estudo foi pela pesquisa fenomenológica hermenêutica, de abordagem qualitativa, conforme apresentada por Van Manen (1990). Sua principal preocupação foi investigar, descrever e interpretar a experiência da maternidade vivida pela primeira vez por uma mulher. Para Van Manen (1990), a pesquisa fenomenológica é o estudo das vivências e seu objetivo é entender profundamente a natureza ou o significado das experiências vividas.

Nesse sentido, é fenomenologia porque é o estudo descritivo dessas experiências, na tentativa de enriquecê-las pela descoberta do seu significado; e hermenêutica porque é o estudo interpretativo das expressões e objetivações do que foi vivido no esforço de desvelar os significados nelas expresso.

O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética na Pesquisa em Seres Humanos, sob o número 3.714.668, em 20 de novembro de 2019. Para a realização do estudo, foi entrevistada uma mulher que viveu a experiência da maternidade pela primeira vez. No primeiro contato, a participante foi informada sobre os objetivos, o sigilo no estudo (a respeito de seu nome próprio e do acesso aos conteúdos expostos), as gravações das entrevistas e sobre a possibilidade de desistir da participação em qualquer etapa da pesquisa. Após, foi estabelecido um cronograma para a realização das entrevistas, respeitando sua disponibilidade. Por fim, foi solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas foram realizadas por meio da plataforma Google Meet, considerando o momento de pandemia de COVID-19. A primeira e a segunda entrevistas tiveram duração de duas horas e a terceira, de três horas.

Para a coleta de dados, foi seguida a indicação de Seidman (1998), utilizando-se a Entrevista em Profundidade. Assim, não foram feitos questionamentos, nem teste ou avaliação de hipóteses, na medida que o propósito foi entender a experiência da maternidade pela primeira vez e o significado a ela atribuído.

A entrevista fenomenológica em profundidade consistiu em conduzir uma série de três momentos distintos com a participante (SEIDMAN, 1998). Na primeira etapa, o foco foi a trajetória de vida da participante e a principal tarefa da pesquisadora foi colocar a experiência da participante no seu contexto, solicitando, tanto quanto possível, que falasse a respeito de si mesma.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

A segunda etapa levou a participante à reconstrução de detalhes de sua experiência, dentro do contexto em que ocorreu. Foi solicitado que se concentrasse e descrevesse as particularidades concretas da experiência vivida em relação à maternidade pela primeira vez.

A terceira fase visou estimular a participante à reflexão sobre o significado de sua experiência. A entrevista foi direcionada para que fossem feitas conexões emocionais e intelectuais entre a experiência vivida e os significados atribuídos à maternidade pela primeira vez.

Cada etapa foi conduzida por meio de um roteiro semiestruturado que forneceu elementos que colaboraram com o encaminhamento do encontro seguinte. Foi indispensável seguir a estrutura sugerida e o senso do foco de cada entrevista, pois cada uma delas teve uma finalidade dentro da série (SEIDMAN, 1988).

As entrevistas foram registradas por meio de gravação de áudio, de vídeo e anotações durante e após a realização. Buscou-se captar tudo o que foi dito para analisar e interpretar os comportamentos não verbais, bem como monitorar o processo de coleta de dados (MERRIAM, 1998). Após a realização de cada etapa, foi realizada a transcrição dos áudios, focalizando os dados biográficos, a trajetória, a experiência vivida e os significados a ela atribuídos. As transcrições resultaram em um texto fenomenológico que, ao ser analisado, permitiu que fosse alcançada a essência do fenômeno estudado.

Houve um fluxo constante indissociável entre as fases da coleta e análise de dados (TRIVIÑOS, 1992). Todo o material coletado foi transcrito após cada encontro, para a consecução do desafio de dar sentido aos dados. Reduziu-se o volume de informações e foi construída uma estrutura para alcançar a essência das experiências vividas (PATTON, 1999), ou seja, fazer o que Miles e Huberman (1994, p.10) descrevem como redução de dados.

Para realizar a apreensão do tema fenomenológico foi utilizada, fundamentalmente, a abordagem seletiva proposta por Van Manen (1990), embora, em muitos momentos, tenham sido também utilizadas as abordagens holística e detalhada, por se considerar que não são excludentes, mas complementares. A utilização conjunta de diferentes caminhos permitiu maior aproximação da essência

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

do fenômeno vivido. Assim, a abordagem holística envolveu a apreensão dos significados fundamentais que emergiam no texto como um todo. A abordagem seletiva foi usada para orientar a interpretação do texto. Isso compreendeu leitura e releitura para identificar declarações e frases que manifestavam a experiência da maternidade pela primeira vez vivida pela participante. A abordagem detalhada permitiu entender o que uma simples sentença ou grupo de sentenças revelava sobre o fenômeno descrito. Nesse momento, alguns núcleos de significado foram descartados, reagrupados e outros emergiram fazendo nascer o andamento do próprio processo analítico e a estrutura do fenômeno vivido.

Com isso, a construção da essência do que os dados revelaram (PATTON, 1999) e a redução dos dados (MILES; HUBERMAN, 1994) foram alcançadas na elaboração do texto fenomenológico.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

Por questões éticas, optou-se por atribuir a participante do estudo o nome de “X”. Todos vivenciamos cotidianamente a maternidade de forma direta ou indireta, pois todos somos filhos de alguém.

A matemática estuda as propriedades dos entes abstratos, pelo emprego do raciocínio dedutivo. Esse conceito se assemelha à experiência estudada, para compreender a multiplicidade de papéis que a mulher, uma unidade, exerce para cumprir com as atribuições da maternidade.

A incógnita é um enigma cujo valor se procura ao resolver um problema ou equação. X é a incógnita mais comum utilizada nos cálculos matemáticos. Assim como em uma equação, aqui, buscou-se encontrar o valor de X, que é o significado atribuído à experiência da maternidade, pela primeira vez, da participante do estudo. Justifica-se o nome X escolhido porque, assim como a maternidade, a matemática é vivenciada cotidianamente.

A TRAJETÓRIA DE X

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

X tem 30 anos, é a filha mais jovem e tem três irmãs. Nasceu e cresceu em uma cidade de porte médio do estado do Rio Grande do Sul. Seus pais trabalhavam muito para proporcionar “o melhor possível às filhas”. O pai era dono de uma oficina de manutenção de veículos e a mãe autônoma, trabalhava com comércio durante a infância de X. Ambos investiam suas economias na educação das filhas, o que se mantém até o presente momento: “[...] eu estou aqui na faculdade por causa deles, [...] eles sempre disseram para nós que educação eles iam nos dar (X)”.

Sobre a trajetória de X, podemos destacar que foi permeada pela solidão. X é a caçula, suas irmãs mais velhas tinham uma diferença expressiva em relação a ela, o que fez com que sempre estivessem em momentos diferentes de vida. Os pais trabalhavam “incansavelmente”, o que resultava em períodos que ela precisava cuidar de si própria: “[...] então por um tempo eu ficava sozinha, dos três até, acho que quase, cinco anos (X)”.

Ela também não se sentia pertencente aos grupos na escola, em razão da condição de trabalho dos pais. “Apesar de eu estar num colégio particular, eu não vivia uma vida confortável como meus colegas, então isso acho que foi o motivo que [...] eles não me viam como integrante (X)”. Além disso, a mãe não permitia que dormisse na casa das amigas ou frequentasse festas. Era um conjunto vazio, não composto por muitos denominadores.

Entrou na faculdade, na cidade onde nasceu e cresceu, assim que se formou no Ensino Médio. Aos 19 anos, casou-se e foi morar com o marido, o menino que namorava desde a adolescência. Assim que se formou na primeira graduação na área da saúde, conseguiu emprego na área de formação em outro estado. Para lá se mudou, acompanhada pelo marido. Vivenciou esses crescimentos e etapas como caminhos que precisava seguir. “Chegou no Ensino Médio, então tá, vamos estudar, tem que fazer vestibular, aí depois tá, passou no vestibular, entrou na faculdade, faz a faculdade, termina a faculdade, vamos trabalhar, sabe? Então... meio que no automático (X)”.

Arrependeu-se de ter casado tão cedo. Buscava independência e permissão para ter comportamentos comuns para a sua idade, então saiu de casa para decidir por si: “minha mãe acha que eu casei virgem, coitada, ela acha. E daí acho que

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

com essa função toda, desse jeito todo, eu acabei casando cedo por causa disso também (X)". O cumprimento das métricas familiares eram importantes, relatando que caiu de paraquedas na vida adulta, quando decidiu casar-se.

Cresceu vendo os pais trabalharem arduamente para que ela tivesse mais oportunidades. X sempre se esforçou para concluir uma determinada operação e passar para outra fase da equação. Nesse sentido, ela expressa: "nunca pensei, eu tenho um problema com isso, agora eu estou percebendo, eu não paro para pensar nessas coisas assim, sabe? Vai acontecendo (X)".

O resultado esperado era a independência financeira e uma carreira profissional para se orgulhar. Quando criança, dizia que seria pesquisadora e, ao longo da vida acadêmica, teve como inspiração diversas professoras: na escola, no cursinho e na faculdade.

Ao longo das etapas da vida, X media seu valor a partir da sua dedicação e desempenho na vida acadêmica. Orgulhava-se da sua inteligência e capacidade de resolver os desafios, passando para próxima fase. "Eu gosto muito de ter meu trabalho, com organização, com agenda, com planejamento da situação, nessa questão eu acredito que vem desde a infância também, dos meus pais (X)". Era por meio do estudo e do trabalho que X realizava seus desejos, testava suas capacidades e confiava nas suas potencialidades. Mesmo formada em uma graduação e trabalhando na área, buscava cursos e refletia sobre a possibilidade de um dia cursar outra graduação na área da saúde. Foi quando houve um desvio na função que estava sendo traçada.

A EXPERIÊNCIA DE X

A maternidade não foi exatamente planejada por X, "[...] não era uma coisa esperada, mas não era uma coisa rejeitada, digamos assim, sabe?". Ela descobriu que estava grávida alguns anos após o casamento, o que modificou os cálculos para o momento específico em que vivia, sendo necessária uma adaptação ao novo contexto.

A solidão, que tanto lhe acompanhou durante sua trajetória, também foi uma constante desde o princípio da experiência da maternidade. O então marido,

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

transformou-se perante o nascimento da filha, e X se viu sozinha, em outro estado, criando a filha, “[...] depois que ela nasceu, ele nunca foi participativo (X)”.

X retornou ao seu estado de origem e cursa uma segunda graduação na área da saúde. Por essa razão, reside longe da família e de sua rede de apoio, tendo que cumprir diferentes papeis que lhe demandam tempo, dedicação e organização. O seu conjunto familiar próximo é composto por ela e a filha ainda pequena.

UMA EQUAÇÃO

A partir da análise e interpretação das narrativas reveladas pela participante, foi possível extrair a estrutura nuclear da experiência vivida por X. Desse processo, emergiram as seguintes unidades de significado: “Mulher Subtraída”, “Mulher Mais Um” e “Maternidade em Potência”, que são a estrutura do tema fenomenológico “Uma Equação”. Esse tema representa a essência do fenômeno vivido pela participante da pesquisa em relação à experiência da maternidade pela primeira vez.

MULHER SUBTRAÍDA

Uma mulher em um relacionamento longo, estável, com independência financeira, no entanto, que ia de encontro ao que a sociedade espera e cobra dela, uma vez que não se imaginava como mãe. Não havia experimentado esse papel nas brincadeiras da infância e não havia conversado com o marido sobre essa possibilidade, nem mesmo quando viu as irmãs se tornarem mães. Não havia a negação dessa função, nem o desejo de nunca se tornar mãe, no entanto, o contrário também não estava presente.

X relatou estar vivendo uma fase muito boa quando descobriu a gestação:

> Eu, pra mim, eu estava numa fase muito boa, eu estava trabalhando, ganhando razoavelmente bem e conseguia fazer exercício físico...
> Eu estava estável, digamos, eu trabalhava, era independente, eu não dependia mais dos meus pais, era minha vida, era o meu espaço, era isso (X).

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

Ela estava por se submeter a uma cirurgia estética, o que aspirava há anos. Estava matriculada em uma pós-graduação que começaria em breve, porém, todos esses planos foram postos de lado, assim como as rotinas de autocuidado, que tanto lhe faziam. Além disso, com a descoberta da gravidez, passou a ser criticada no ambiente de trabalho, em razão da futura licença maternidade: “Ah, teve meu chefe que me incomodou horrores, porque... que por isso que ele não contrata mulher, que mulher menstrua, que mulher engravida, que enfim, esse tipo de coisa, ele incomodou horrores (X)”.

A maternidade carrega mudanças e renúncias que não são fáceis e podem não equivaler à primeira opção da mulher, como foi o caso de X. Quando não planejada, ainda que desejada, essa nova vida pode causar turbulências. Como explica Badinter (2011), há uma disputa de valores entre os desejos da mulher e os deveres de mãe. Por ora, tais deveres precisam se sobrepor aos desejos. “Não foi ruim, sabe? Porque estava grávida, por mim estava de boa (X)”.

Assim, é possível perceber, que essa nova adição de funções em sua vida, reajustou todos os papeis que X ocupava anteriormente. As mudanças foram físicas, na vida acadêmica, na carreira profissional. Posteriormente ao nascimento da filha, também ocuparam um lugar definitivo no casamento, uma vez que o ex-marido não assumiu a função paterna, eles se divorciaram e ela passou a lidar com a parentalidade sozinha. “Ela não tem pai, a minha visão é que, teoricamente, só ficou eu (X)”.

Embora as mudanças tenham sido intensas, após o nascimento da filha e o reajustamento das variáveis que passaram a compor a equação de X, ela teve a oportunidade de realizar muitas das coisas que precisou colocar em suspenso no primeiro momento. “Tá tudo bem, depois eu faço, tanto que eu fiz depois (X)”. Conseguiu concluir a pós-graduação, teve um outro relacionamento, pode incrementar a vida profissional iniciando uma nova graduação, um desejo antigo adiado. Ainda que estivesse “tudo bem”, foram desejos e realizações que ficaram em segundo plano e que exigiram que a operação fosse recalculada. “Por um lado, meio que de fracasso, porque eu já tinha minha vida, eu já era meio que independente depois que eu casei, antes de divorciar e daí ele (pai) teve que voltar a me ajudar com tudo (X)”.

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

É necessário entender a plasticidade da teoria psicanalítica (KEHL, 2016) e enxergar, que para muitas mulheres, a busca pelo objeto fálico não se dá por meio da maternidade. E, sim, por meio de outras possibilidades, como o crescimento profissional.

Depois que precisou mudar de cidade, para realizar o desejo de fazer um novo curso, sentiu a necessidade de atribuir valores aos diferentes papeis, o que resultou em cada vez menos para ela. Menos tempo, menos autocuidado, menos independência. É preciso fazer uma divisão que não sobre resto. No entanto, por vezes, o valor é indivisível por números inteiros, por pessoas inteiras.

A independência financeira acabou, uma vez que precisava pagar a faculdade, não resta tempo para trabalhar, além de ter uma filha para criar e contar com uma pensão alimentícia muito reduzida.

> Depois que a minha filha nasceu, da questão do divórcio e tudo mais, eu me aproximei muito mais dos meus pais, eu precisei muito do apoio deles nessa questão, não que eles não me apoiassem, a vida inteira me apoiaram, então voltei a ser totalmente dependente deles nessa questão, tanto financeira quanto pra cuidar da minha filha (X).

Todos os objetivos que ela havia planejado para esse momento foram transformados e poucos conseguiram ser conquistados da maneira que ela calculou, mas com adaptações, mantêm-se em andamento.

> Se eu escolher determinado curso e quiser ser mãe eu tenho que renunciar umas coisas. Para mim poder sair eu vou ter que renunciar outras coisas, talvez estudar ou ficar com ela, são escolhas que a gente precisa fazer pensando em alguma hora, pensando em poder dar um futuro melhor para ela.
> E tem? Tem vida além do curso e de ser mãe? (risos) Bah, é bem complicado, tipo, aqui onde moro, eu não tenho como sair [...], eu não tenho essa opção, eu não tenho com quem deixar, sou só eu e ela aqui (X).

A parentalidade solo, por si só, já é um desafio. A maternidade deve contar com uma rede de apoio bem estruturada, “é preciso uma vila inteira para criar uma criança”, como diz o provérbio nigeriano. O algarismo de X conta com poucos dígitos, no dia a dia é praticamente uma unidade.

Somado a isso, há a dificuldade de conciliar a maternidade com a vida acadêmica, especialmente em um curso que lhe exige tanto. A sociedade, embora

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

espere que as mães ocupem um espaço no âmbito público, além do privado, não abre intersecção para essas mulheres.

Para lidar com as obrigações, tanto profissionais, quanto maternas, resta a X subtrair o lazer da sua rotina:

> Eu tenho conseguido assistir um pouco de série, na verdade, tenho conseguido não, pela primeira vez na vida eu consegui assistir alguma série. Comprei até uns livros pra ler, é muito bom, até estou lendo, estou tentando ler um capítulo por noite, mas tá difícil. Então o ano passado, não digo que eu não saí, eu saí, fui em umas, duas ou três festas [...] Então, não tem nem como conhecer alguém, [...] como é que eu vou deixar ela pra sair assim sozinha? (X).

MULHER MAIS UM

X se preocupou com cuidado na infância, sendo a caçula, não tinha pessoas para cuidar, mas cuidava dos animais. Os associa à *companhia, cuidado e compromisso* (X). Quando se tornou mãe e não podia contar com o marido, que não dividia os cuidados para com a filha, contava com a companhia de sua gata, especialmente durante as mamadas da madrugada. Foi a gata que lhe ajudou a se sentir menos só na maternidade e isso teve um significado "[...] de contato, de vínculo, como é possível um animalzinho, um gatinho, entender certas coisas e fazer esse vínculo assim? (X)".

Esse ímpeto de cuidado estendeu-se às pessoas, quando, na infância, uma familiar próxima descobriu um câncer. X, então, decidiu que seria pesquisadora quando crescesse. De fato, a primeira faculdade na área da saúde e a sua recente opção como segunda graduação a aproximam desse cuidado.

O cuidado com a filha teve início ainda no ventre, com o crescimento da barriga, X percebeu o quanto estava envolvida com aquela nova vida e sua nova função. "Eu gostava, eu achava a barriga bonita, foi uma das primeiras vezes que eu gostei do meu corpo (X)". Juntamente com o marido, vibraram a cada exame, planejaram os móveis do quartinho e compraram as roupinhas para a filha.

Para o parto, a palavra-chave era praticidade, X queria que fosse rápido e que a deixasse "[...] íntegra para cuidar da bebê". Percebe-se uma necessidade de cuidar, mas não de ser cuidada. Desde o princípio falou em cesárea, que, de fato, foi de repente e bem rápida. A subtração física lhe adicionou um novo papel.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

Ela se viu solitária nas funções parentais, porque o marido só foi participativo na gestação. Sobre esse abandono, X diz: “algo entre renúncia e rejeição, ele não estava presente, ele não foi presente, sabe? Até hoje não é presente, ele nunca tirou esse tempo (licença paternidade) para família, para a nossa filha, então acho que ele renunciou isso, mas ao mesmo tempo ele rejeitou ela”.

Foi a amamentação que a aliviou da dor da solidão.

> Eu gostava de amamentar ela, sabe? Eu lembro que várias vezes, ela tinha um ótimo costume de mamar às 4 da manhã, exatamente, aí eu lembro que eu ia pra sala, pra não acordar o excelentíssimo, eu ia pra sala com ela, e ficava olhando TV na sala com ela, e a gata de estimação do meu lado, sempre todo dia (X).

No entanto, essa amamentação teve uma interrupção inesperada. A descoberta da alergia à proteína do leite (APLV) da filha e suas reações, mesmo com a dieta adaptada da mãe. Esse vínculo que se formava foi reduzido na raiz, aos dois meses de idade da bebê, o que a entristeceu por ser responsável por algo que adoecia a filha. Dois meses depois, X voltou a trabalhar e passar o dia longe da menina. Além disso, o marido adoeceu e foi necessário que ela passasse noites no hospital com ele, aumentando a distância e a separação entre mãe e bebê.

Apesar de estar sozinha desde o nascimento, foi depois de alguns meses que a separação do casal ocorreu, tornando X a única responsável pela filha. Dessa forma, X preocupou-se para que a filha estivesse saudável e bem cuidada. Pediu demissão do trabalho e por um período dedicou-se à filha quase que exclusivamente:

> Ali foi um tempo. Um tempo tanto para mim, quanto para ela, que daí eu não estava trabalhando e também não tinha o meu ex-marido, era só eu e ela, então eu conseguia, era eu e ela, era manter a casa, cuidar dela, cuidar um pouco de mim, então foi um tempo para cuidar da gente, sabe? Foi isso (X).

A filha se recuperou da APLV, mas ficou com problemas de crescimento e alimentação, provavelmente derivados da alergia. Nota-se uma relação com as questões de cuidado, especialmente com a saúde da filha e a decisão sobre a nova graduação.

MATERNIDADE EM POTÊNCIA

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.06, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

Diante de todos os papeis que ocupa, X assume diferentes identidades como mãe, exclui suas próprias vontades e desejos para operar os da filha. A maternidade não era rejeitada, mas poderia ter esperado um pouco mais para acontecer. X desejava que o momento prévio ao nascimento durasse muito tempo:

> Eu adorava a minha barriga, eu por mim podia ficar ali, estava bonitinha ali, ali estava confortável, não tinha problema né, era fácil o controle, depois que sai que a gente vê os problemas, as coisas. Então, sei lá, eu não tinha muitos planos, muito... não sei te dizer assim o que que eu esperava (X).

Embora X já tivesse uma profissão quando a filha nasceu, resolveu mudar de carreira não apenas por si, mas para dar um *futuro melhor* para a próxima geração. Aprendeu com os seus pais "[...] o quanto o trabalho recompensa, sabe? Trabalhar duro, tu tens uma dedicação, isso recompensa, tu consegues fazer as coisas (X)". Espera como recompensa, uma vida com mais oportunidades para filha.

X é a responsável por todos os cuidados e futuro da filha, é sua máxima multiplicadora. Então, no período que precisou estudar intensamente, para ingressar na faculdade, sua filha passava muito tempo com a avó, que foi: "[...] literalmente de renúncia, porque, quem cuidava dela, quem dava comida, era minha mãe, não era eu. Mas era um momento que eu precisava fazer isso para poder estudar, para poder fazer o cursinho".

A maternidade foi vivenciada diariamente e todas as suas decisões e atitudes foram voltadas para o bem-estar da filha, mesmo que isso resultasse na renúncia de alguns momentos com ela:

> Consegui fazer pelo menos tudo que meus pais fizeram por mim, pelo menos isso, sabe? Dar condições para ela poder escolher, não ficar presa a um limite que eu poderia ter ajudado [...] é uma coisa que eu quero poder proporcionar para ela, que não feche a porta para ela por causa de uma coisa que eu não consegui dar, se ela não conseguir, não quiser fazer, a escolha é dela, mas eu dei opção, sabe? Eu penso nisso (X).

Esses papeis e significados são vivenciados como uma incógnita e parte da maternidade é adiada. Assim, opera o cotidiano a partir de uma possibilidade futura e se prepara, especialmente, para a adolescência da filha.

> É tanta coisa que, às vezes, tu acabas deixando ela por... não por último, mas é tanta coisa que tem pra resolver, que acaba... eu queria ter mais tempo pra ficar com ela... De qualidade, assim, mas é difícil.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

> Agora é mais fácil, tu entreténs com um brinquedo, mas lá na adolescência se eu não tiver condições, eu não vou conseguir ser uma companheira para ela, dar as coisas para ela, proporcionar alguma viagem ou coisas de adolescente, de festinhas, enfim, se eu não fizer isso agora, lá na frente eu não consigo fazer mais (X).

Como uma poupança, a relação das duas rende devagar, durante o pouco tempo que conseguem investir em tempo de qualidade juntas, mas com o objetivo de sacar o montante daqui a alguns anos. X acredita que quanto mais ceder, melhores serão os frutos que colherá no futuro. Busca ser uma mãe melhor do que a que teve durante a adolescência: “Eu acredito que eu fui a melhor mãe que eu pude ser, mas, nunca parei para pensar realmente como foi isso”. X olha para frente e para as equações que ainda terá que resolver.

Ainda que não tenha sido uma maternidade “convencional”, X preocupa-se em obter o melhor resultado nessa complexa equação que é a vida. É capaz de conciliar o cuidado para com a filha e a realização dos seus próprios sonhos e objetivos. Mesmo que isso signifique ser diversas mães em uma mulher só, uma maternidade em potência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo compreender a experiência vivida da maternidade entre igualdades e incógnitas. X vivenciou a maternidade em etapas e, diante de cada evento desconhecido, buscou encontrar o valor de x. Nessa complexa equação, a cada passo foi desvendando uma maternidade em potência, como um resultado possível para X.

Assim como nas equações, na maternidade há inúmeras possibilidades e os algarismos mudam com frequência. A descoberta da maternidade, ainda que seja o acréscimo de uma nova vida, de um novo membro à família, é também uma subtração, pois adiciona mais um divisor. Nesse contexto, X se viu, reorganizou os papeis que exercia, criando espaços para uma exigente e inesperada função.

Cede e renúncia, porém, mantém-se na missão de cuidar e prover a filha, enquanto resolve suas próprias equações. Entre expressões de singularidades e diferenças, encontra-se na multiplicidade de papeis em uma maternidade em potência.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633

Referências

BADINTER, E. **O conflito: a mulher e a mãe**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

FREUD, S. **A dissolução do Complexo de Édipo**. In Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XVI), pp. 203-213. São Paulo, Companhia das Letras, 2011. (Original publicado em 1924).

_____, S. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos**. In Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XVI), pp. 283-299. São Paulo, Companhia das Letras, 2011. (Original publicado em 1925).

_____, S. **Conferências introdutórias à Psicanálise – Conferência 33 – Feminilidade**. In Obras Completas de Sigmund Freud (Vol. XVIII), pp. 263-293. São Paulo, Companhia das Letras, 2011. (Original publicado em 1933).

KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**, San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1998.

MILES, M. B.; HUBERMAN, A, M. **Qualitative data analysis: an expanded sourcebook**. Thousand Oaks – California: SAGE, 1994.

PATTON, M. Q. **Qualitative evaluation and research methods**. Newbury Park: Sage, 1999.

SEIDMAN, I. **Interviewing as qualitative research: a guide for researches in education and the social sciences**. Teachers College Press: New York, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1992.

VAN MANEN, M. **Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy**. London, Ontario, Canada: The Althouse Press, State University of New York Press, 1990.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v6i1.3633